

CAROL NOÊMIA FURTADO

POLARIDADES: ESTUDO DE CASO NA CLÍNICA INFANTIL

Florianópolis, 2009

CAROL NOÊMIA FURTADO

POLARIDADES: ESTUDO DE CASO NA CLÍNICA INFANTIL

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Título de Especialista em Psicologia Clínica e Certificado de Especialização em Gestalt Terapia pelo Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicoterapia.

**Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola
de Psicoterapia**

Florianópolis, 2009.

Uma profunda cisão entre nossa existência biológica e social é normalmente encontrada em pessoas que não sabem ouvir, elas falam, falam e esperam que o mundo as ouça...

Frederick S. Perls

AGRADECIMENTOS

À minha família por todo o incentivo, confiança, apoio e amor.

Um agradecimento especial à Angela, pelo apoio técnico e emocional.

FURTADO, Carol Noêmia. Polaridades: estudo de caso na Clínica Infantil. Monografia (Curso de Especialização em Gestalt Terapia). Comunidade Gestáltica – Clínica e Escola de Psicoterapia, Florianópolis, 2009.

RESUMO

Este Estudo de Caso pretende dirigir um olhar para o trabalho com Polaridades na Clínica Infantil, posicionando este olhar a partir da Abordagem Dialógica. Por meio de revisão bibliográfica, buscou-se uma melhor compreensão e estruturação do assunto, visando articular os pressupostos teóricos com a prática clínica. Acredita-se que ao realizar um estudo de caso, está implícita uma descrição de como o cliente faz contato, mas também a maneira pela qual o terapeuta experiencia este contato, sua forma singular de contatar e se ver contatando.

Palavras Chave: Abordagem Dialógica, Polaridades, Clínica Infantil.

ABSTRACT

This case study aims to address a look at the work with polarities in the Children's Clinic, positioning this view from the dialogic approach. Through literature review, we sought a better understanding and structuring the issue, aiming to articulate the theoretical and clinical practice. It is believed that by performing a case study, is an implicit description of how the customer makes contact, but also the manner in which therapists experience this contact, his unique form of contact and see if contacting.

Keywords: Dialogical Approach, Polarities, Children's Clinic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
2.1	Polaridades
2.2	Abordagem Dialógica
2.3	O Experimento em Gestalt Terapia
2.4	Gestalt Terapia Infantil
3	VIVÊNCIA TEMÁTICA
3.1	FLOR E A BASE PARA INTEGRAÇÃO
3.2	FLOR E A INTEGRAÇÃO DAS POLARIDADES
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. INTRODUÇÃO

No universo da Gestalt Terapia, a escolha do tema polaridades “aconteceu”, este é o termo mais adequado, pois foi naturalmente se tornando figura ao longo do curso de especialização efetuado e principalmente, ao longo da prática profissional, onde impacta a frequência do aparecimento deste tema. O que parece fazer sentido com a consideração de Perls (1977) quando afirmou que o trabalho com polaridades é central em sua teoria, pois enquanto o cliente experimenta extremos falta-lhe o centro.

A abordagem do tema é a dialógica, colocando em evidência a natureza relacional do indivíduo, considerando-se que o encontro é um evento e como tal ele “acontece” de maneira profundamente vivencial, concreta e existencial. Escolheu-se o enfoque na clínica infantil, este pode ser considerado estimulante e desafiador, pois, como terapeuta infantil, faz-se necessário, uma linguagem específica, adaptada as necessidades dela no aqui e agora, oferecendo integridade no aqui e agora, somente possível na singularidade da Presença, da Inclusão, da Confirmação e da Comunicação, que são conceitos advindos da Abordagem Dialógica de Martin Buber (2001).

Sendo a Gestalt uma terapia vivencial, baseada na experiência do aqui e agora, o objetivo do processo terapêutico é possibilitar o contato genuíno do indivíduo consigo, onde o terapeuta disponibiliza suporte, possibilitando o processo de *awareness*. Para Frazão (1996) ter *awareness* é ter a capacidade de aperceber-se do que se passa dentro e fora de si no momento presente, tanto no nível corporal, quanto em nível mental e emocional.

À medida que integra a si mesmo, de acordo com Bandeira (2002), o indivíduo desenvolve-se, interagindo por meio do ajustamento criativo, buscando novas formas de expressão e auto-regulação orgânica. O

organismo busca a saúde, pela integração com o meio, através de ajustamentos criativos, que vão se dando pela formação e destruição de gestalten.

Na prática da clínica infantil é fundamental o trabalho na articulação dos pressupostos teóricos da Gestalt Terapia com suas possibilidades de intervenção prática. O trabalho em Gestalt terapia possui especificidades, sendo necessária uma perspectiva de desenvolvimento saudável proposta pela teoria e uma prática facilitadora do pleno desenvolvimento de seu potencial. Por isso mesmo, não temos uma teoria específica de desenvolvimento infantil.

Pesquisando a literatura disponível em Gestalt Terapia, há poucos autores que sistematizaram o trabalho psicoterapêutico na clínica infantil. Aguiar (2005) salientando a importância de um aporte teórico para condução da prática, afirma que ao longo dos anos, os trabalhos nesta área foram gradativamente se deslocando de uma ênfase maior dos aspectos técnicos para uma vinculação do processo terapêutico aos seus conceitos básicos.

Porém, ao longo do curso efetuado, ficou claro que o arcabouço teórico para o trabalho em psicoterapia infantil está disponível em toda publicação em Gestalt Terapia, cabendo ao terapeuta articular os pressupostos teóricos com a prática clínica.

A partir da escolha do tema, foi possível a escolha por um estudo exploratório-descritivo. Exploratório em um primeiro momento, quando busca um maior conhecimento sobre o tema, e descritivo, pois tem o objetivo de descrever o trabalho com polaridades e como ele acontece através da abordagem dialógica na psicoterapia infantil. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa. Neste tipo de estudo, segundo Martins e Bicudo (1989), busca-se a compreensão particular do que se estuda, e seu foco de atenção centraliza-se no específico. Spencer (1993) aponta que os trabalhos de natureza qualitativa podem criar uma maior oportunidade para as pessoas explorarem seus sentimentos.

A relevância social e científica deste estudo está em identificar quais são as especificidades no trabalho com polaridades na clínica infantil, através da

abordagem dialógica, obtendo dessa forma um melhor entendimento do tema, pois no mesmo rumo proposto por Oaklander (2006), acredita-se que com crianças, o trabalho terapêutico aconteça no sentido de ajudar a construir o senso de eu, fortalecendo as funções de contato e renovando o contato com seus sentidos e sentimentos.

Salienta-se, porém, que por ser um estudo de caso, esta é uma investigação que se restringe a um caso específico e singular. Não se podem generalizar seus dados.

Esta afirmação remete a base filosófica da Gestalt Terapia – a fenomenologia - que pode ser apresentada como uma visão de mundo, onde a concepção de verdade é algo que se realiza no aqui e agora, em contínua mudança, num processo de vir-a-ser.

Para as psicoterapias de orientação fenomenológica, quando o terapeuta descreve um fenômeno, este sempre será singular. Na relação terapêutica não há “a priori” por parte do terapeuta, é um encontro real que busca uma totalidade, ou seja, o sujeito é a expressão de um todo e este todo inclui a relação organismo – ambiente.

Neste trabalho, portanto, não serão apresentadas relações causa e efeito e nem interpretações, mas sim uma descrição de um fenômeno como uma totalidade, sendo este singular e único.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 POLARIDADES

As polaridades estão sempre relacionadas com a história do indivíduo e com a sua percepção da própria realidade, é possível que ele vá buscar no outro o que lhe falta. Esta busca pode ser ego-sintônica, quando aceitável a consciência do indivíduo e ego-distônica, quando inaceitável ao self. Quando há a apropriação do lado obscuro, é possível vivenciá-lo com clareza, caso contrário, a forma de vazão será por meio da retroflexão ou da projeção.

O conflito é improdutivo quando os dois lados diferentes buscam anular um ao outro, estabelecendo uma competição. O conflito não é percebido quando existem dois lados e um deles não é visto, é o lado obscuro.

Na visão de Rodrigues (2000) o trabalho com polaridades deve ser integrado no contexto da vida de cada pessoa, para que ele possa perceber qual o sentido do que está acontecendo como totalidade em sua história.

O conflito existe quando há diferenças em oposição. Segundo Zinker (2007) o conflito improdutivo caracteriza-se quando a pessoa utiliza pelo menos duas formas de defesa: repressão e projeção. Os conflitos saudáveis acontecem quando os envolvidos são pessoas integradas, onde é nítido o sentido de diferenciação. No conflito saudável os dois lados são reconhecidos como diferentes, o crescimento se dá através da integração do novo.

Baumgardner (1978) aponta a importância da integração dos opostos; ao projetar somente um papel, ocorre o que Perls (1977) nomeou de "oco na personalidade". No caso das polaridades, temos o "oco crítico", ou seja, não existe centro. Desta maneira, a pessoa não consegue experimentar a si mesma como envolvida vitalmente no mundo que a cerca e há uma tentativa de controle constante.

Zinker (2007), referindo-se ao trabalho com polaridades, coloca que o primeiro passo no trabalho do terapeuta consiste em ensinar cada pessoa a tomar consciência de seu lado escuro. Porém, somente o cliente é capaz de conhecer e nomear qual é a polaridade indesejada ou não percebida. Normalmente estes pólos passam pelos papéis, denominados por Perls (1977) de “dominador – dominado” ou “opressor – oprimido”.

Baumgardner (1978) afirma que depois de encontrada a polaridade, é possível montar um diálogo, e o terapeuta deve ser um facilitador do contato, para que o cliente se disponibilize a ouvir e perceba que seus sentimentos começam a mudar e que sua divisão diminui.

Freqüentemente, no final do trabalho com partes fragmentadas, o cliente chega à reconciliação e à aceitação do que é como é ou do que foi como foi.

Para esta mesma autora, há uma renovação do poder pessoal quando se alcança certa integração dos opostos. À medida que dois papéis que representam extremos divergentes começam a comunicar-se, experimenta-se o ser como centro.

O conflito de polaridades descrito acontece também na infância, nas palavras de Oaklander (1980) a criança assusta-se com as divisões que ocorrem dentro dela, bem como com as que enxerga nos adultos, assim fica confusa e sente-se desamparada.

Desta forma, o psicoterapeuta infantil deve estar atento a como estas polaridades aparecem e nas conseqüências que podem trazer na totalidade da vida desta criança.

2.2 ABORDAGEM DIALÓGICA

A Abordagem dialógica, criada por Hycner (1995), tendo como sustentação as palavras princípio de Martin Buber, coloca em evidência a natureza relacional do homem. O diálogo, que é o contato verbal ou não verbal entre duas pessoas, acontece na esfera do entre e é marcado por duas polaridades, o EU-

TU e o EU-ISSO. O encontro EU-TU é um evento e como tal ele "acontece" de maneira profundamente vivencial, concreta e existencial.

O diálogo é a exploração do entre, ou seja, da ocorrência de campo no momento do diálogo. Hycner (1995), afirma que a relação EU-TU é uma atitude de genuíno interesse na pessoa com quem estamos interagindo. Isso significa que valorizamos sua alteridade. A Alteridade significa o reconhecimento da singularidade e nítida separação do outro em relação a nós, sem que fique esquecida nossa relação e nossa própria humanidade.

O "entre" acontece quando realmente estamos envolvidos com outra pessoa, é um envolvimento pleno e é mais do que a soma de duas identidades. Acontece uma recíproca presentificação do Eu e do Tu. Estão na "presença" o Eu como pessoa e o Tu como outro.

Para Buber (2001) um exemplo é o amor; o amor não é algo possuído pelo Eu como se fosse um sentimento. Os sentimentos, o homem os possui, porém o amor é algo que "acontece" entre dois seres humanos, além do Eu e aquém do Tu, na esfera do "entre". O Tu me mostra pela graça e não é encontrado pela procura, o Tu vem ao meu encontro, mas paradoxalmente, sou Eu quem o encontra.

O momento Eu-Tu não pode ser mantido para sempre. Buber (2001) assinala que o homem se torna Eu na relação com o Tu. Os eventos da relação se alternam e é nessa alternância que a consciência do Eu emerge com força crescente, até que a ligação se desfaz e o próprio Eu se encontra para retomar posse de si e, daí em diante, no seu estado de ser consciente entrar em relações. Somente então, pode a outra palavra princípio constituir-se.

Sem a relação Eu-Tu não estamos disponíveis ao outro, porém, quando não podemos sair dela estamos perdidos na confluência disfuncional.

O Eu-ISSO é posterior ao Eu-Tu. O Eu-ISSO é sujeito da experiência e utilização de alguma coisa. De acordo com Buber (2001) o Eu do Eu-ISSO usa a palavra para conhecer o mundo, para impor-se diante dele e controlá-lo. Seu mundo é como um objeto para usar e experienciar.

A experiência do Eu-Isso é necessária para a vida humana, segundo Hycner (1995), não é a existência da atitude Eu-Isso que está "errada", mas sim a predominância esmagadora com que se manifesta na sociedade.

Na relação Eu-Isso o experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza "nele" e não entre ele e o mundo. É a entrada no mundo do saber onde não há encontro e sim uma colocação diante de. Se permaneço neste movimento "coisifico" o outro.

A relação Eu-Tu é fugaz, cada Tu se tornará um Isso. A vida humana consiste em ambos os relacionamentos, Eu-Tu e Eu-Isso. Toda troca humana tem estas duas dimensões, muitas vezes simultaneamente.

Hycner (1995) trouxe para a Gestalt terapia a postura fenomenológico-existencial encontrada na Filosofia Dialógica de Buber. Observa-se coerência com as principais características do mundo do Tu: imediatez, reciprocidade, presença, totalidade, incoerência no tempo e no espaço, fugacidade e inobjetivação. Dessa forma, são necessárias quatro condições para que haja a ocorrência do encontro: Presença, Inclusão, Confirmação e Comunicação.

A Presença é poder se disponibilizar e acolher ao outro, como pessoa que ele é, diferente de mim e de qualquer necessidade minha. Quando o que é do terapeuta aparece deve ser colocado entre parênteses, para voltar a estar com o outro em sua própria forma. Eu-Tu; Eu-Isso; Eu-Tu.

A Inclusão, segundo Hycner (1995), é um movimento de ir e vir, estar centrado na própria existência e ainda assim ser capaz de "passar para o outro lado". Isso requer um senso muito forte do próprio centro e flexibilidade existencial.

A Confirmação é uma necessidade humana; para Buber apud Hycner (1995), significa voltar-se para o outro e afirmar sua existência com as suas diferenças. Não se refere necessariamente ao fato vivenciado e sim a vivência emocional do fato em si. Significa, ainda, aceitar ao outro e sua realidade.

A Comunicação está tanto nas palavras como no silêncio. É o que permite ao cliente ter awareness de si e de seu processo. É o diálogo genuíno que possibilita o dialógico.

Buber (2001) coloca que a existência concreta deve ser compreendida, isto é, comunicada. O discurso apresentado é um evento que tem sentido, ou então, em evento que de algum modo se suprime no sentido.

Sendo que todo evento só faz sentido quando contextualizado, é como seres humanos relacionais que podemos nos construir e reconstruir. Acredita-se que a relação dialógica é a linha mestre da relação em psicoterapia infantil, sendo em si mesma um caminho para reconfiguração dos padrões de relação da criança com mundo.

2.3 O EXPERIMENTO EM GESTALT TERAPIA

O Experimento é fundamental em Gestalt Terapia. Através da experimentação é possível estar plenamente no aqui e agora e, ainda assim, reviver uma situação inacabada, com novos recursos e novo entendimento. O experimento não tem um objetivo a atingir, apenas disponibiliza a quem o vivencia a oportunidade de experimentação do novo.

De acordo com Zinker (2007), os experimentos têm a finalidade de convidar o cliente a expressar algo vivencialmente, em vez de apenas passar por uma experiência cognitiva interior. Para Lima Filho (2002), um experimento é um ato criativo, tem uma direção singular, o cliente evolui segundo a intuição e a técnica do terapeuta.

Zinker (2007) enuncia os propósitos da experimentação criativa são: expansão do repertório do cliente; estimulação da aprendizagem a partir de sua própria criação; desvelamento de polaridades desconhecidas; fechamento de gestalten inacabadas; fortalecimento e desenvolvimento de auto-suporte.

Em um experimento a seqüência, o conteúdo e a forma podem mudar, porém existem etapas que devem ser constantemente verificadas, como pontos de sustentação.

- Estabelecimento de uma base de trabalho: é importante verificar em que condições o cliente se encontra, visando estabelecer uma sintonia com suas necessidades e interesses. Ou seja, o que aparece e como aparece.

- Consenso: Lima Filho (2002), afirma que a reação do cliente, concordando ou discordando, perante a proposição do terapeuta remete as suas capacidades e limitações. É resguardada a possibilidade de o cliente recusar-se a experimentar comportamentos que não lhe pareçam seguros ou confortáveis na situação.

- Graduação do experimento: o cliente deve executar somente aquele experimento no nível para o qual esteja pronto durante a sessão. Deve ser adequado a vivência de desenvolvimento de awareness.

- Awareness: Observação das discordâncias entre forma e conteúdo: emoção/razão; fala/expressão da emoção; corpo/rigidez e alargamento, entre outros. A percepção desses aspectos busca propiciar o desenvolvimento da awareness que não está disponível.

- Energia: para Lima Filho (2002) é necessário prestar atenção nos pontos em que o organismo do cliente está ativado, onde está vibrando. Assim que se localiza essa fonte de auto-suporte, é possível trazer esta excitação para o encontro.

- Foco: de acordo com Zinker (2007) o foco é estabelecido em conjunto pelo psicoterapeuta e pelo cliente, e a energia de ambos é empregada na consecução da tarefa com vistas à finalização desejada.

O foco é o que define e direciona a sessão terapêutica, e o conteúdo deve ter seqüencialidade e fechamento.

- Tema: O tema está relacionado com os conteúdos trazidos na sessão terapêutica. É importante que o terapeuta "destile" o tema que reincide na fala.

- Disponibilização de auto-suporte: é a atenção do terapeuta nos recursos que tem disponíveis em si próprio e no ambiente.

- Escolha do experimento: o experimento deve ser organizado a partir do foco e do tema. O experimento se completa quando o cliente manifesta alguma nova compreensão favorecida pela experiência vivida.

Para Polster e Polster (2001) o experimento é usado para evitar o falar sobre, ao trazer o sistema de ação do indivíduo para dentro do consultório. Por meio do experimento o indivíduo é mobilizado a confrontar suas dificuldades,

operando seus sentimentos e ações, numa situação de segurança, enfatizando o suporte.

O cliente não tem a mesma compreensão que o terapeuta após finalizar o experimento, portanto é fundamental perguntar o que ele pode aprender, ou significar, desta experiência vivida. A experimentação vai se tornar um fundo de possibilidades para novas figuras.

Com crianças a experimentação deve facilitar o desenvolvimento do seu processo, tendo em vista suas possibilidades e os elementos importantes em seu campo. É necessário que o terapeuta esteja atento ao tipo e a graduação da intervenção de acordo com as fronteiras desta criança.

Aguiar (2005) salienta que quando a criança aceita intervenções, como questionamentos e propostas de experimentos, estaremos atuando no nível da elaboração e é neste nível de trabalho fenomenológico que se localiza a grande maioria das técnicas gestálticas.

2.4 GESTALT TERAPIA INFANTIL

A criança é um ser complexo e está no mundo em pleno processo de desenvolvimento biopsicossocial. Desta forma todas as relações são importantes na construção de seu crescimento, seja na família, na escola com amigos e até com ela mesma.

Algumas crianças quando se percebem em meio a conflitos (na família, na escola ou em outra situação) acabam "adoecendo" na tentativa de informar que algo não vai muito bem, ampliando seu desconforto emocional. As queixas mais comuns trazidas pelos pais ou responsáveis, são as que se referem a comportamentos que não são socialmente aceitáveis, como a agressão, ou as dificuldades escolares, entre outros. Habitualmente a demanda inicial de psicoterapia não é da criança, mas da família ou responsáveis, que se vêem incomodados com a forma desta criança ser e estar no mundo.

As crianças investem em direção ao crescimento, quando há uma interrupção de seu funcionamento natural, elas adotam algum comportamento que parece servir para que elas possam avançar.

Para Oaklander (1980), a meta principal, no trabalho com crianças é ajudá-las a tomar consciência de si e de sua existência em seu mundo. É preciso encontrar o delicado equilíbrio entre dirigir e orientar a sessão, de um lado, e acompanhar e seguir a direção da criança, de outro.

A metodologia de trabalho em psicoterapia com crianças, de acordo com Aguiar (1995), caminha em direção a uma maior participação e atividade do psicoterapeuta, o objetivo é possibilitar que a criança possa estar mais familiarizada com seus padrões de evitação e suas possibilidades de escolha na interação com o mundo.

Podem ser consideradas características típicas da psicoterapia com crianças: o uso de recursos lúdicos, a importância do brincar como meio de expressão e ação criativa no meio e a compreensão do contexto familiar.

Entende-se o uso dos recursos lúdicos e do brincar como um meio de mobilização, uma forma de experimentar o mundo e aprender mais sobre o mesmo, também é um meio pelo qual confusão, ansiedade e conflitos são elaborados. Através da segurança do lúdico, da brincadeira toda criança pode experimentar novas formas de ser e de estar no mundo.

Sob o ponto de vista da Gestalt Terapia, nas palavras de Aguiar (2005), a técnica serve para facilitar, fomentar, fazer emergir e desenvolver o material oferecido pelo lúdico. A autora coloca a importância de não confundir técnica com recursos lúdicos: a argila, por exemplo, não é uma técnica, mas um recurso que pode ser utilizado de diversas formas pela criança. A técnica incidirá naquilo que a criança produziu com a argila ou na forma como ela conduziu a manipulação do material.

O processo da criança, quando ela brinca, segundo Oaklander (1980), mostra muito sobre a sua forma de ser na vida, a autora observa, por exemplo: qual é a sua forma de brincar, qual é o padrão que se repete, qual o conteúdo da brincadeira. Ela brinca de situações de solidão? Agressão? Amparo? Ou

ainda, como é a habilidade de contato da criança: fica absorta na brincadeira? Ou é incapaz de se comprometer com alguma coisa?

Além do contexto do brincar, é necessário observar o contexto relacional desta criança, pois todo ser humano faz parte de determinados contextos, no caso da criança a família e a escola devem participar desde a compreensão diagnóstica até o término do processo, embora outros contextos também possam ser muito importantes.

É relevante, também, ouvir os responsáveis e professores e não subestimar seus poderes, pois se entende que os mesmos fazem parte do campo não saudável e, portanto, há implicação tanto no sintoma quanto no processo terapêutico. Sendo assim, toda e qualquer alteração em uma das partes, promove um momentâneo desequilíbrio alternando a dinâmica familiar e demandando uma reconfiguração, que muitas vezes precisa de auxílio terapêutico. Eles formam uma totalidade articulada e, portanto necessitam desta intervenção complementar.

Nas palavras de Axline (2002), é possível perceber o peso opressor de uma família acorrentada e pode ser uma penosa tarefa para os pais caracterizar as dinâmicas destes relacionamentos.

“Mesmo que possa ser óbvio que a criança é um mero bode expiatório numa situação familiar caótica ou defeituosa, geralmente principio atendendo a criança sozinha. O simples fato de ter sido ela a escolhida como problema e de ter feito algo para chamar a atenção sobre si mesma indica que precisa de uma oportunidade para adquirir alguma sustentação por si só.”
(Oaklander, 1980, p.335)

3 VIVÊNCIA TEMÁTICA

3.1 FLOR E A BASE PARA INTEGRAÇÃO

Será apresentado neste estudo, o processo terapêutico de uma menina de 11 anos, cursando a quinta série de uma escola particular, localizada no Sul da ilha, na cidade de Florianópolis. É a filha mais velha de uma família composta por ela, pai, mãe e um irmão. A mesma será denominada neste estudo como ¹Flor.

Flor foi trazida a terapia por seus pais, a pedido da escola, sendo a demanda inicial por dificuldades de aprendizagem. Nas entrevistas com os pais foi possível perceber o quanto estes pensavam de maneira diferente sobre a educação da filha.

O pai verbalizou ser muito exigente consigo e com os outros e relatou que, por diversas vezes, chamou a filha de burra. Relatou, também, que achava que a menina não fazia escolhas, mostrava-se muito insegura e se parecia com a mãe.

De outro lado, a mãe de Flor concordou parcialmente com o marido, reafirmando as dificuldades de Flor para fazer escolhas, suas inseguranças, e que a filha “dependia muito dela”. Ressalvando que não aprovava as agressões do marido, e que muitas vezes os dois discordaram e discutiram sobre a melhor forma de educação, na frente da menina.

A mãe de Flor, também descreveu a si mesma como alguém que tinha dificuldades de impor os seus próprios limites aos outros, inclusive com a filha, exemplificando que não gostava de discutir com Flor. Porém, ambos falaram de uma filha feliz, que está sempre sorrindo, cujo único problema seria o desempenho escolar.

¹ Nome fictício escolhido pela autora.

Dessa forma, nas primeiras entrevistas com os pais, foi fundamental a escuta, exatamente da maneira que nos refere Frazão (1996). A autora afirma que a escuta e o ouvir do terapeuta são fundamentais e três fatores podem afetar a qualidade da escuta: “o pensar por”, “o pensar sobre”, e o “pensar contra”. A escuta interessada e verdadeira favorece que o outro se sintá visto, estimulado e propicia que se coloque a “pensar com”. A escuta efetiva e interessada envolve “pensar com” – o que se manifesta através dos pedidos de mais informações, sem direcionamento da conversa, em acenar com a cabeça, em ser ativamente silencioso, em ajudar as pessoas a examinarem seus sentimentos e encontrarem suas próprias respostas. Dessa forma o “pensar com” permite situar a figura no campo – relação figura- fundo, o que dá sentido a figura, qual é o contexto.

A partir deste contexto foi possível identificar os elementos do pensamento diagnóstico processual. Então se percebeu que, o que apareceu na fronteira de contato, impactando a terapeuta, foi uma menina bonita, esperta e muito fechada, com a qual somente depois de alguns encontros foi possível fazer contato. Porém, Flor trazia um grande sorriso nos lábios, afirmando ser uma criança feliz, sem problemas e que gostaria apenas de passar de ano.

Em Gestalt Terapia há uma perspectiva própria relativa à Diagnóstico, que tem o sentido de compreender a experiência do cliente. Dessa forma, não é algo definitivo, nem marcado por uma causalidade, mas sim uma configuração única e singular que foi denominada de compreensão diagnóstica.

Frazão (1996) aponta a função do diagnóstico como a de relacionar o “aqui e agora” do cliente com o “lá e então” de sua vida, ou seja, buscar no fundo a compreensão da figura, pois é a partir deste fundo que a figura faz sentido de forma contextualizada. Para dar início a um processo terapêutico dois aspectos são fundamentais: compreensão e escolha. Para esta autora, o diagnóstico não é algo que temos acesso de imediato, embora seja fundamental existir uma compreensão inicial do que ocorre e também possibilitar que o cliente possa conhecer o terapeuta e sua forma de trabalho.

Nas entrevistas iniciais é possível elaborar a compreensão diagnóstica, privilegiando a observação e a descrição da experiência singular do cliente, sempre como um processo contínuo.

Nestas sessões, para a elaboração da compreensão diagnóstica, se fez necessário uma alternância entre conteúdo e processo. Dessa forma, pode-se observar o “como” o relato era apresentado: logo que chegava às sessões Flor apresentava no corpo certa tensão e gestos repetitivos, seu olhar poucas vezes fazia contato. Porém quando tinha início uma conversa ou atividade e percebia a contínua atenção da terapeuta dedicada a ela, conseguia focalizar sua própria atenção e se engajar no contato.

É fundamental o respeito pela criança para o estabelecimento de um vínculo de confiança. Para Aguiar (2005), desde o primeiro momento ela percebe que não estamos lá simplesmente para forçá-la a fazer algo, porque não queremos que ela faça isso ou aquilo, mas estamos ali para prestar atenção e respeitar o que ela precisa e quer fazer.

Na medida em que se consegue, nas palavras de Aguiar (2005), uma perspectiva de campo, entende-se que o comportamento da criança é a figura que emerge do campo familiar total e para elaborar uma compreensão diagnóstica é preciso relacioná-la a outros elementos do campo.

Pode-se perceber, tanto nas sessões familiares, como nas sessões somente com os pais, ou somente com Flor, que seus pais se relacionavam de maneira diferente com ela. O pai exercia a função de cobrar, muitas vezes desqualificando, porém quando estabelecia contato com a filha era de maneira intensa. Já a mãe respeitava mais os limites da filha, porém estabelecia pouco contato com a menina e quando fazia era com pouco contato visual e pouca intensidade, dando a impressão de uma “iminente evasão”.

Para Oaklander (2006), os adultos de uma família geralmente escolhem o filho como o portador dos problemas, então conhecê-lo, já na primeira entrevista, permite obter algum sentido da dinâmica do relacionamento dos pais com esta criança.

De acordo com Frazão (1996), o terapeuta ao perceber algo no cliente, estabelece um contato, canalizando sua atenção naquilo que lhe impacta, não exatamente no que acontece, mas no como acontece. Este impacto poderá ocorrer em função do conteúdo do discurso, pela forma do discurso, pela energia, pelo sofrimento, pela postura corporal, pela aparência, pela afetividade ou pelos bloqueios desta, pela queixa ou por outros.

Na medida em que foi possível fazer contato e estabelecer vínculo com Flor, foi também possível realizar um pensamento diagnóstico processual: a partir da queixa de dificuldade de aprendizado, pode-se perceber que na totalidade de sua existência este era apenas o sintoma que denotava uma série de dificuldades relacionadas às suas possibilidades de contato consigo e com o outro.

É por meio de suas funções de contato que a pessoa se expressa no mundo, para Rodrigues (2000), as formas pelas quais a pessoa entra em contato com o meio, proporcionam amplos recursos para se inferir sobre sua existência. Sendo o contato algo que ocorre somente no aqui e agora e sendo que este algo nunca se repete, logo, o contato é uma conexão com o livre fluir.

Partindo do conhecimento das dificuldades de Flor no contato e das dificuldades de seus pais também no contato, foi possível perceber o quanto ela realmente precisava da atenção, confirmação e presença, e a partir daí era possível estar numa relação dialógica, possibilitando um início de processo terapêutico.

O contato pressupõe um caráter temporal e é sempre um encontro na atualidade. Ou seja, é um evento temporal e não uma seqüência cronológica. No contato somos passivos frente à nossa historicidade, nossos dados são capturados, não podemos escolher, eles aparecem para dar um sentido a um dado, é um fluxo espontâneo.

A fronteira de contato é onde a experiência acontece, não separa o organismo do meio, o limita, o contém ao mesmo tempo em que contata o ambiente. Todo contato é criativo e dinâmico é um ajustamento criativo do organismo e meio.

“O que distingue o contato da intimidade ou união é que o contato acontece numa fronteira em que é mantido um senso de separação para que a união não ameace sobrecarregar a pessoa.” Polster e Polster (2001, p. 115)

Foi possível perceber que a fronteira de eu de Flor, onde para ela o contato era possível, não permitia o envolvimento pleno consigo e com o mundo, parecendo ter sido estabelecida de modo rígido, impedindo a expansão desta fronteira.

De acordo com Polster e Polster (2001), a fronteira na qual o contato pode ser feito é um local de energia pulsante e permeável, o indivíduo experimenta o “eu” em relação ao que é “não eu”. A capacidade de discriminar este universo é a experiência de fazer escolhas. Para estes autores, a experiência da fronteira do eu pode ser vista a partir de diferentes perspectivas: fronteiras corporais, fronteiras de valores, fronteiras de familiaridade, fronteiras expressivas e fronteiras de exposição.

Como já foi exposto, em algumas sessões Flor, nos primeiros momentos da sessão, apresentava certa rigidez no corpo com movimentos repetitivos, como por exemplo: um “vai e vem” de pernas, ou os pés batendo com força no chão. Nestas ocasiões, a terapeuta descrevia o que estava vendo, e Flor demonstrava total surpresa, como se os movimentos não fossem seus.

Estes momentos demonstravam o quanto sua *awareness* de sensações corporais era restrita, parecia estar sem contato com partes de si mesma, dificultando seu contato com o que estava fora de suas fronteiras do eu.

Flor fora levada a acreditar que se parecia com a mãe, desta forma, seu repertório de valores disponíveis limitava-se aqueles que acreditava serem os valores da mãe, como por exemplo, ser distraída, ter dificuldades em fazer escolhas e ser uma eterna criança feliz. Deste modo havia a necessidade da expansão de suas fronteiras de valor a fim de proporcionar novas alternativas e novo apoio para suas ações.

Ao tempo que foram observadas as fronteiras de contato de Flor, foram também sendo identificadas as formas de contato disfuncionais para que pudesse ser feita a melhor escolha de intervenção.

Ao perceber o quanto o “novo” era difícil para Flor, e o quanto ela tinha dificuldades de levar a experiência do corpo para o contato, fazendo com que a excitação reprimida fosse exclusivamente corporal, pode-se perceber a Confluência de Flor com situações anteriores, impedindo-a de formar novas figuras e de estar no contato.

“A confluência patológica é como uma cola depositada nos lugares errados, juntando elementos que permanecem distintos. Ela realiza uma união desconjuntada, caótica e mal feita. A assimilação pode não ocorrer, a figura ligada ao seu plano de fundo retorna ao fundo e aí permanece fixa, sem dissolver-se. O fundo torna-se desarmônico.” Robine (2006, p. 108)

A partir daí pode-se perceber também o quanto Flor incorporou normas, atitudes, modos de agir e pensar, simplesmente anexados a sua personalidade, aparecendo somente como introjetos, que foram admitidos como seus e ficaram como fundo, resultantes do processo de introjeção. Ao ajustar-se introjetivamente Flor evitava o conflito com o ambiente, identificando-se para sentir-se incluída em seu meio.

Porém quando Flor não conseguia anular o excitação, adaptava-se para lidar com ele, contendo-o, então a agressividade tornava-se necessária (agressividade entendida como desestruturação para uma ação efetiva), aparecendo o medo de destruir ou de ser destruído em relação ao meio, sinalizando um ajustamento retroflexivo.

Na Retroflexão já existe o engajamento com uma situação em curso e a energia tem um foco (meio), existe uma “saída” para evitar que ocorra o contato: voltar esta energia para si próprio, para o próprio corpo.

De acordo com Perls (1977) quando uma pessoa retroflete para de dirigir suas energias para fora, na tentativa de manipular ou provocar mudanças no meio, que satisfaçam suas necessidades. Esta pessoa redirige sua atividade para dentro e se coloca no lugar do meio como alvo de comportamento.

Foi fundamental a possibilidade de acesso ao fundo, ao contexto para ampliação do campo. Pois, segundo Frazão (1996), o significado que se tem da relação da figura com o fundo dará origem a hipótese diagnóstica, que funcionará como um parâmetro norteador do processo.

O processo terapêutico de Flor foi conduzido de acordo com as Hipóteses diagnósticas expostas. Ao longo do processo terapêutico foram trabalhadas suas formas disfuncionais de contato como a Confluência e a Introjeção, foi fundamental que Flor começasse a experienciar escolhas, necessidades e sentimentos que fossem seus, focalizando seus próprios objetivos e estabelecendo o poder de diferenciar entre ela e o outro.

Trabalhamos a Retroflexão no sentido de ajudá-la a ter *awareness* do que fazia a si própria, pois sabendo o que acontecia internamente, sua energia podia ser mobilizada para buscar outras perspectivas.

“Em Gestalt Terapia procura-se enfatizar o que o cliente sabe de fato – as sua áreas de percepção, mas do que as que não se dá conta. O intuito é de aumentar progressivamente sua percepção de si mesmo em todos os níveis.” Perls (1977, p. 68).

3.2 FLOR E A INTEGRAÇÃO DAS POLARIDADES

..

Entre as dificuldades percebidas durante os atendimentos, foi marcante o trabalho com polaridades, realizado através da abordagem dialógica, pois se fez prioritário o contato com seus desejos, aspirações e necessidades.

“A consciência das polaridades de sentimentos é essencial para que a criança sinta que todo ser humano possui este tipo de

movimento e que isto não significa estar errado, mas sim compreender o que aquele sentimento significa e como influencia sua vida e sua relação com as outras pessoas.” (Zorzi,1991, p. 50)

Em muitos encontros Flor expressou verbalmente, ou por meio do lúdico, o quanto às vezes se achava feliz e normal, e às vezes se via muito triste e sozinha, pois os pais trabalhavam o dia todo, o irmão ia para escola, e ela passava todas as tardes só, em casa.

Embora Flor se referisse a si mesma como uma menina esperta, quando o pai a acusava de ser burra e irresponsável, emergia a dúvida, pois considerava que tivesse cumprido as tarefas solicitadas. Flor relatou, ainda, que, em alguns dias, tinha muita vontade de brincar, ir à praia ou à piscina, mas, em outros, tinha uma “preguiça enorme”. Enfim, para ela se tornava muito difícil saber até que ponto, em suas palavras, ela era “normal”.

Para Oaklander (1980), a criança se assusta com as divisões que ocorrem dentro de si, e com as cisões que enxerga em adultos que participam de sua vida. Pode ficar confusa e com dificuldade em aceitar aspectos de si mesma dos quais não gosta, ou aqueles aspectos que seus pais criticam. Quando despreza e se afasta destas partes de si própria, ela alarga ainda mais a separação entre suas formas polarizadas de ser, causando fragmentação e auto-alienação ainda maiores.

Conceitos e sentimentos polarizados são complexos e entrelaçados, na visão de Zinker (2007) e estão relacionados com a história da pessoa e com a sua percepção da própria realidade interior.

Em alguns encontros Flor chegou muito fechada, indisponível. Quando se tentava algum contato ela respondia apenas: “acho normal”, “me sinto normal”. Em um destes encontros, a terapeuta solicitou que ela desenhasse o “normal”, então ela desenhou uma caixinha. Disse que aquela caixinha estava vazia e era normal. Então ela afirmou que às vezes sentia-se como aquela caixinha, quando não queria entrar numa discussão com o pai, ou com alguma

professora, ela preferia ser uma caixinha vazia que não ouvia e nem precisava falar nada.

A evasão tem o objetivo de impedir o contato, reduzindo ao mínimo a awareness. A ansiedade indica evasão e representa uma experiência interna que não ocorre, mas é algo previsto e temido. É importante observar e trabalhar com a ansiedade e a evasão do cliente. Quando o cliente se dá conta de como isso acontece, pode descobrir sua fuga, seu método de fuga e a natureza desta experiência interna que tenta bloquear ao evitar partes de si mesmo.

Existe uma forma de evasão que o cliente experimenta como um vazio sente-se aflito e carente de algo. Perls (1988) afirma que “o vazio estéril converte-se em vazio fértil”. O terapeuta trabalha no sentido de que o cliente possa abrir mão de seu controle e, dessa forma, possa haver uma transformação.

Porém, Hycner e Jacobs (1997) reconhecem que uma das tensões mais importantes é a tensão entre nossa natureza relacional e nossa singularidade. A qualidade do viver se torna dependente da forma como esta tensão é resolvida durante nossa vida. Ou seja, há sempre uma tensão entre o quanto a pessoa precisa se ocupar de seus interesses individuais e o quanto necessita se ocupar das necessidades relacionais. O equilíbrio entre estas duas polaridades é, com freqüência, a chave do viver saudável.

Então, quando Flor chegava “caixinha vazia” percebia-se que sua polaridade individual estava ali e que era necessário muito respeito e cuidado, pois não era possível olhar suas dimensões interpessoais nestes momentos.

De acordo com Hycner (1995), o terapeuta não deve exigir do cliente uma relação “verdadeira” antes que ele esteja preparado para isso. Sobre o assunto, o autor apresenta a seguinte citação:

“Antes de tudo, a reconstrução da capacidade para o encontro dialógico deve seguir de mãos dadas com um esforço psicológico sistemático para afrouxar e desmontar os complexos

mecanismos de defesa na esfera psíquica da expressão. Isso acontece à medida que o self em recuperação o permite, de forma a tornar as forças psíquicas, até então impedidas, outra vez disponíveis para um novo encontro com o mundo. Sem essa assistência suplementar de uma psicologia de profundidade, aquilo que é dialogicamente esperado do self do paciente na situação de encontro com o mundo poderia constituir um peso grande demais, expondo-o ao perigo da regressão.” (Trüb, 1952/1964, p.502)

Percebeu-se a necessidade de simplesmente “estar” com Flor nestes momentos, respeitando e proporcionando uma atitude de aceitação. Axline (apud Aguiar, 2005), afirma que não há disciplina mais severa do que a de manter a atitude de completa aceitação e de abster-se de fazer qualquer insinuação ou orientação ao brincar da criança. A autora afirma ainda que ao mesmo tempo em que precisamos acompanhar a experiência da criança, precisamos também estar atentos a nossa própria experiência e discriminá-la da experiência do cliente.

O processo de trabalho com crianças, segundo Oaklander (2006), é delicado e fluido – um acontecimento orgânico. O que se passa dentro do terapeuta, e o que se passa dentro da criança numa sessão qualquer, constituem uma suave fusão.

Segundo Polster e Polster (2001), o caminho aberto ao terapeuta é o de reconhecer a pessoa como ela é, acentuando aquilo que existe, para que se torne uma parte energizada de sua personalidade. Para os autores, não existe uma natureza real do homem que seja distinta da totalidade de sua experiência, então sua resistência não é menos parte dele do que o impulso a que ele pode estar resistindo.

Em uma das sessões, Flor relatou um sonho, no qual ela e o pai escalavam um morro, então quando estavam quase chegando ao cume, o pai caiu e morreu. Flor assistiu a queda, mas continuou escalando, quando chegou bem no alto, percebeu que era um vulcão, então sentiu muito medo e acordou.

Em Gestalt-Terapia os sonhos são considerados um caminho para a integração de aspectos da personalidade, pela integração das diversas partes que o compõe.

Oaklander (1980) aponta que os sonhos tem uma grande variedade de funções para as crianças. Podem ser manifestações de ansiedade – coisas que as preocupam. Podem exprimir sentimentos que as crianças se sentem incapazes de exprimir na vida real. Podem retratar desejos, vontades necessidades, fantasias, dúvidas e curiosidades. O sonho pode ser um indício de uma postura ou sentimento geral em relação a vida. Pode ser um meio de elaborar sentimentos e experiências – situações com que as crianças são incapazes de lidar direta e abertamente.

De acordo com Lima Filho (2002), o trabalho com sonhos é feito no presente, mediante ação e tendo por base a experiência do sonhador. Cada um dos componentes do sonho (coisas, pessoas, lugares, etc.) seriam representações alienadas do sonhador a serem resgatadas e integradas num todo (Gestalt). O trabalho com sonhos é delineado como um experimento, no qual o cliente é levado a experienciar e explorar seu sonho, orientado pelas intervenções do psicoterapeuta.

Lima Filho (2002) aponta que o reconhecimento das afinidades da pessoa com os diversos aspectos de seu sonho abre para a ampliação de seu senso de diversidade e para a noção de identidade. Ou seja, se busca a identificação, que é a ação contrária da alienação.

É preciso dar ao sonhador a possibilidade de dar vida aos elementos do sonho, representando os papéis: “eu sou...” assim começa a re-identificação. Começa a fluir uma centragem, um retorno a “si – mesmo”.

Polster e Polster (2001) afirmam que à medida que o sonhador reconhece seu parentesco com os numerosos aspectos de seu sonho, ele está também ampliando o próprio senso de diversidade, ampliando sua experiência do eu e centrando-se no mundo. Em vez de assumir uma auto-imagem estagnada ele se torna livre para buscar novas integrações em sua própria multiplicidade.

Perls (1988) afirma que quanto mais fragmentada a pessoa é, mais os sonhos viram pesadelos: é valioso olhar o que está sendo evitado no sonho, pois o pesadelo é um sonho onde a pessoa se frustra. É aprendendo a lidar com o como se frustra poderá sair da frustração em que se coloca.

Segundo Baungardner (1978) é importante descobrir o que o sonho tenta evitar ao observarmos o ponto em que a pessoa desperta. Uma vez que o cliente exponha o que imagina não poder suportar, tem o recurso de prescindir de sua evitação e de arriscar-se na experiência. Bem, se está disposto a eliminar sua equação particular e que tem a característica de controlar sua vida, sua existência pode mudar.

A meta, segundo Oaklander (1980), é ajudar a criança a aprender algo sobre si mesma e sua vida através do sonho. O terapeuta não deve analisar e interpretar, só a própria criança pode tornar-se consciente daquilo que o sonho esta tentando lhe dizer. As crianças são plenamente capazes de aprender sozinhas através do trabalho com sonhos.

Neste trabalho terepeutico foi solicitado a Flor que ela "fosse" o vulcão referido em seu sonho, então ela expressou muita raiva, assim dizendo:

"Que raiva, que raiva!"

"Eu sou um vulcão muito ruim, sinto muita raiva!"

Para Oaklander (2006), a raiva é uma emoção mal compreendida: ensinaram-nos a acreditar que é errada e tentamos evitar este sentimento, geralmente com um alto custo para nós mesmos. As crianças, desde pequenas, aprendem que a raiva é perigosa, e não aprendem maneiras apropriadas de expressar esta emoção normal. A raiva é o motivo que leva muitas famílias à terapia.

Para Zinker (2007), a auto-imagem é análoga aos lados claro e escuro da lua. O conflito intrapessoal envolve embates entre as polaridades claras e escuras da pessoa e o conflito é desencadeado pelo que ela faz consigo. Uma maneira de lidar com um conflito deste tipo consiste em separar claramente os dois lados e "trabalhá-los", assim o cliente desenvolve mais awareness sobre

sua dinâmica intrapessoal e o relacionamento de suas partes conflitantes. E quanto mais ele aprender sobre os aspectos misteriosos de si mesmo, mais saudável se tornará.

As crianças tem muita dificuldade de expressar a raiva e freqüentemente os comportamentos “anti sociais” não são expressões diretas de sentimentos de raiva, mas, segundo Oaklander (1980), uma forma de evitar esses verdadeiros sentimentos. Uma vez que os sentimentos de mágoa usualmente são soterrados sob uma camada de sentimentos de raiva, é muito ameaçador e difícil para as crianças, varar a superfície raivosa para permitir a total expressão dos sentimentos autênticos que se encontram sob a superfície. A autora coloca ainda que, é mais fácil simplesmente dissipar a energia batendo, ou adotando atitudes rebeldes, ou sendo indireto e sarcástico de todas as maneiras possíveis.

Na seqüência do trabalho terapêutico, pediu-se a Flor para ser ela mesma no sonho:

“Quando sou eu mesma fico muito feliz por conseguir escalar todo o vulcão, uhu, uhu!!!”

“Estranho, como posso sentir tanta raiva e ao mesmo tempo, ficar tão feliz por conseguir uma coisa?!”

Este momento remete a necessidade da inclusão, como uma disponibilidade de entrar no mundo fenomenológico da criança, sem misturar-se com ela e nem trazê-la para a realidade do terapeuta. Poder colocar-se no lugar da criança é permitir-se ver o mundo segundo seus critérios e suas necessidades e assim poder confirmá-la dentro daquilo que ela pode ser naquele momento.

Sem o suporte desta relação dialógica, na visão de Aguiar (2005), as técnicas tornam-se exercícios e o espaço terapêutico um simples lugar de recreação. As intervenções técnicas surgem no contexto da relação e para que

elas possam ser efetivas é preciso que essa relação inspire confiança, exposição e entrega.

Para Oaklander (1980), é possível oferecer um grande número de exercícios e experimentos para que a criança trave contato e se familiarize com o conceito das polaridades em si mesma, de modo a ajudá-la a compreender que as polaridades são um aspecto inerente a personalidade de todas as pessoas. Os opostos podem ser discutidos em relação a sentimentos que a criança conhece e para isso há uma grande disponibilidade de técnicas.

Para o caso em estudo foi proposto o trabalho com argila; pediu-se à Flor que esta fizesse um bolo, mas ela manifestou preferência por fazer uma pizza. Pediu-se, então, que ela a dividisse em várias fatias, enumerando sentimentos que ela considerava "bons" ou "ruins".

Pode-se destacar um fragmento desta sessão, quando ela fala de sua raiva, como seu "lado tomate seco" e de sua felicidade, como lado oposto, seu "lado frango catupyri". Então ela diz:

"Olha só... posso ser "tomate seco" e, ao mesmo tempo, "frango catupyri!!"

A expressão das emoções, de acordo com Oaklander (2006), em especial da raiva, está fundamentalmente conectada com a absorção de introjetos negativos. As emoções da criança formam sua alma e seu ser. Quando não são validadas, tão pouco ela o é. Quando são menosprezadas, desqualificadas, ela sente-se profundamente rechaçada. Quando encontra alguma forma de expressar seus sentimentos, numa busca indireta por saúde, a criança tem a sensação de que é má.

De acordo com Perls (1977), dentro de cada fronteira do ego encontramos as forças coesivas de integração que chamamos de boas e do outro lado, as forças destrutivas de agressão que chamamos de ruins. Do lado de dentro está o que aceitamos e o que é familiar, do lado de fora o que rejeitamos por ser estranho. Para o autor, agressão e coesão são mutuamente

dependentes, pois para viver um organismo precisa crescer, física e mentalmente. Para crescer é preciso incorporar substâncias de fora e, para torná-las assimiláveis necessitamos desestruturá-las.

Em psicoterapia infantil, de acordo com Aguiar (2005), a aceitação da criança como um todo por parte do terapeuta é crucial para que ela possa também aceitar a si mesma. Somente no momento em que ela puder se perceber aceita sem restrições, independente do que ela pense, sinta ou faça, é que ela vai se permitir expressar, examinar e apropriar-se de todos os seus sentimentos e necessidades.

Acredita-se que para Flor sentir-se aceita e poder aceitar-se com todas as suas polaridades expressas através do lúdico, poder inclusive expressar e verbalizar a respeito de sua raiva, a poder perceber que é possível sentir raiva e ao mesmo tempo sentir-se uma criança feliz, representou uma nova forma de *awareness* de si mesma, permitindo um novo posicionamento em seu contexto.

De acordo com a Teoria Paradoxal da Mudança, Beisser (apud Yontef, 1998), afirma que o paradoxo é que quanto mais alguém tenta ser quem não é, mais permanece o mesmo. O Gestalt Terapeuta trabalha no sentido da integração, pedindo a pessoa que se identifique com o papel conflitante. Quando a pessoa consegue perceber ambos os papéis, busca-se a integração para transcender a dicotomia.

Numa sessão posterior, Flor quis fazer uma caixinha de argila, então a fez e pintou de amarelo, disse que dentro ainda não sabia o que colocar, mas fazia questão de "achar" algo para guardar naquela caixinha. Combinou-se que em cada sessão ela decidiria novamente o que guardar. E assim aconteceu, Flor fez diversas escolhas ao longo destas sessões, um dia ela falou que gostaria de guardar "olhos novos" naquela caixinha, para poder ver as coisas novas a cada momento.

De acordo com Aguiar (2005), é muito importante o reconhecimento justo daquilo que a criança pode ser a cada momento, assinalando todo o seu

potencial de vir a ser diferente em outro momento para construir uma percepção acerca da sua potência a cada momento.

Yontef (1998) afirma que a auto regulação organísmica é um processo em constante renovação, um processo baseado em feedback e ajustamento criativo contínuo. Isto é, um processo biopsicossocial que exige um continuum de awareness para novas necessidades.

O ser humano possui, segundo Ribeiro (1985), um impulso dominante de autoregulação, pelo qual é permanentemente motivado. Ele está permanentemente à procura de atualizar as suas potencialidades. Este impulso dá duração e unidade a sua vida, como pessoa. O autor coloca ainda que o homem pode receber influências do meio exterior, as quais ele seleciona e utiliza, desenvolver-se em meio apropriado significa formar uma personalidade sadia e integrada, não há nada que seja naturalmente "mau" no organismo: faz-se "mau" por interferência do ambiente inadequado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do caso apresentado, ressalta-se a reflexão a respeito do trabalho do terapeuta, pois em Gestalt Terapia um dos focos da relação terapêutica deve estar dirigido para aquilo que o cliente é capaz de produzir no terapeuta.

Sobre este aspecto, Robine (2006), afirma que quando um terapeuta fala de um de seus clientes, na verdade ele descreve o modo como o cliente o contata, ao fazer isso, ele também está mostrando a maneira pela qual ele mesmo experiêcia este contato, isto é, da forma como ele contata e se vê contatando.

Um dos objetivos do trabalho terapêutico é procurar ampliar a capacidade de awareness do cliente, visando contato de boa qualidade, o que implica no reconhecimento do que se passa com o terapeuta, seja na esfera dos seus sentimentos, sensações ou ações.

Ao refletir sobre este aspecto do contato terapeuta / cliente, entendi como o tema polaridades me impactou tanto no contexto do processo de Flor. Ela me causou alguns sentimentos contraditórios, como por exemplo: ao mesmo tempo em que me sentia tranqüila percebendo a necessidade de apenas "estar" no contato com ela, respeitando seus limites e ritmo pessoal, também me sentia inquieta, desejando vê-la descobrir novas possibilidades. Então percebi que era exatamente estes sentimentos contraditórios que ela causava nos seus pais e, possivelmente, nos adultos de sua vida.

Hycner (1995), afirma que para poder entrar no mundo do cliente é preciso, em primeiro lugar, estar completamente presente para o cliente, é preciso estar o tempo todo fluindo junto e respondendo a cada momento às mudanças em andamento.

A *awareness* de ter sentimentos contraditórios em relação à Flor trouxe ao processo terapêutico a clareza necessária para poder realmente estar presente, possibilitando este livre fluir, simplesmente provendo possibilidades para expressão de sentimentos e escolhas.

A reflexão sobre o ser terapeuta remete a um trecho do livro de Barry Stevens :

“É óbvio que o potencial de uma águia será atualizado no vagar pelo céu, ao mergulhar para pegar pequenos animais para comer, e na construção de ninhos.

É óbvio que o potencial de um elefante será atualizado através do tamanho, força e desajeitamento.

Nenhuma águia quer ser elefante e nenhum elefante quer ser águia. Eles se aceitam, aceitam seu ser (themselves). Não, eles nem mesmo se aceitam, pois isto significaria uma possível rejeição. Eles se assumem por princípio. Não, não se assumem por princípio, pois isto implicaria a possibilidade de ser diferente. Eles apenas são. Eles são o que são, o que são.

Quão absurdo seria se eles, como os humanos, tivessem fantasias, insatisfações e decepções. Como seria absurdo se o elefante, cansado de andar na terra, quisesse voar, comer coelhos e botar ovos. E que a águia quisesse ter a força e a pele grossa do elefante.

Que isto fique para o homem – tentar ser algo que não é – ter ideais que não são atingíveis – ter a praga do perfeccionismo, de forma a estar livre de críticas, e abrir a senda infinita da tortura mental.” (Stevens, 1978, p.196)

Acredita-se que para ser Gestalt terapeuta, para além de todo o embasamento teórico, todos os experimentos e técnicas, é necessário “ser” e “estar”, o que significa algo que não pode ser expresso intelectualmente. É possível relacionar esta reflexão com a teoria, que traz o conceito de *awareness*

como um processo que acontece a partir de um sentir – excitação -formação e fechamento de Gestalten.

Ser Gestalt terapeuta infantil requer ser cuidadoso com a relação estabelecida com a criança, que pode em si mesma ser a base do processo terapêutico. Nas palavras de Oaklander (2006), somos indivíduos separados, mas não somos “superiores” a estas crianças. É necessário ser tão autêntico, quanto é possível, e unir-se ao ritmo da criança, porém deve-se estar muito atenta as respostas emocionais que aparecem na própria relação.

Yontef (1998) considera que para além de todo arcabouço teórico da Gestalt Terapia, sua metodologia específica de trabalho e suas técnicas facilitadoras, o resultado é uma construção própria de cada um, num estilo pessoal, numa forma única de ser Gestalt Terapeuta, apesar de vinculada a pressupostos comuns que existem e precisam existir para que possamos falar de uma “abordagem”.

Na forma constituída de ser Gestalt Terapeuta de Flor foi imprescindível o vínculo estabelecido com os pais e com ela, além de uma atitude dialógica, através da Presença da terapeuta na relação, da inclusão e da confirmação de Flor em seu potencial.

Nas palavras de Aguiar (2005), com base no ponto de vista de desenvolvimento saudável proposto pela teoria, a prática da Gestalt terapia com crianças é promover as necessárias reconfigurações de padrões estereotipados e cristalizados que caracterizam o funcionamento não saudável e também facilitar o pleno desenvolvimento de seu potencial.

O processo de integração de polaridades é fundamental, de acordo com Cardella (1994), para o desenvolvimento de capacidades, porém integrar projeções não significa que jamais elas venham a ocorrer, o importante e compreende-las quando entram em ação. Ou ainda, nas palavras de Ginger (2007), como o malabarista na busca do equilíbrio no movimento, o Gestalt Terapeuta preconiza o novo na experiência em sintonia com a exploração dos extremos opostos, mas complementares.

Acredita-se que no trabalho com polaridades, o caminho percorrido passou primeiro pela relação estabelecida com a terapeuta, para que, então, através do lúdico, pudesse ficar claro que as polaridades não eram o “problema”, mas sim o evitar trazê-las à tona.

Tornando-se “caixinha vazia”, Flor evitava expressar sua raiva. Quando finalmente isso foi possível, ela pode dar-se conta de sua raiva, aceitar sua raiva e escolher como expressar esta raiva e assim buscar alternativas para um ajustamento criativo, facilitando condições para um equilíbrio em sua vida.

A aceitação foi importante para a integração destas polaridades. Flor pode aceitar seus sentimentos e perceber que nenhum sentimento ou característica é em si bom ou ruim, em determinados contextos, poderão ser ou não benéficos para ela.

Para Aguiar (2005), ajudar uma criança a aceitar sua raiva, permite que ela possa expressá-la de outras formas. É tarefa da psicoterapia resgatar os sentimentos não aceitos da criança de forma a poder integrá-los ao seu ser total e, com isso, ajudá-la a utilizá-los de formas mais congruentes com suas necessidades em cada um dos contextos do quais faz parte.

Para que fosse possível Flor enxergar novas formas de ser e estar no mundo, acredita-se que foi fundamental a disponibilidade para uma relação dialógica, o que, nas palavras de Hycner e Jacobs (1997), representam uma atitude ou uma postura em relação a existência humana, em geral, e ao processo de psicoterapia em particular. É um modo de ser. Nunca poderá haver uma afirmação final e total na Gestalt Terapia. Por sua natureza é sempre um processo em andamento, exigindo respostas únicas para situações únicas.

Ao finalizar este trabalho, fica uma reflexão sobre o processo psicoterapêutico, percebendo ao escrever e rever a prática percorrida, a importância da abordagem dialógica e de estar na relação terapêutica sem a priori de qualquer natureza. A parábola zen, extraída de Rodrigues (2000, p.160), fala por si:

“O mestre japonês Nan-in concedeu uma audiência a um professor de filosofia.

Ao servir o chá, Nan-in encheu a xícara de seu visitante,
Mas continuou despejando sem parar.
O professor ficou observando o transbordamento até não
poder mais se conter.
Pare!
A xícara está mais do que cheia, nada mais cabe aí.
Nan-in disse:
Como esta xícara,
Você também está cheio de opiniões e idéias.
Como posso mostrar-lhe o zen,
Sem que antes você esvazie sua xícara?"

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, L. **Gestalt-terapia com crianças – teoria e prática**. Rio de Janeiro: EDITORA LIVRO PLENO, 2005.

AXLINE, V.M. **Dibs em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro:AGIR, 2002.

BANDEIRA, C.C.A. **Interferência das vivências de desenvolvimento pessoal no empreendedorismo interno: Caso dos funcionários do Grupo Ciência**. 2002. 130 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

BAUMGARDNER, P; PERLS, F. **Terapia Gestalt: teoria e prática – uma interpretación**. México: CONCEPTO, 1978.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: CENTAURO, 2001.

FRAZÃO, L.M. Pensamento Diagnóstico Processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt Terapia**. Goiás, n. 2, 1996.

GINGER, S. **Gestalt – A arte do contato**. Petrópolis: VOZES, 2007.

HYCNER, R. **De pessoa a pessoa: psicoterapia dialógica**. São Paulo: SUMMUS, 1995.

HYCNER, R. , JACOBS, L. **Relação e Cura em Gestalt Terapia**. São Paulo: SUMMUS, 1997.

LIMA FILHO,A.P. **Gestalt e Sonhos**. São Paulo: SUMMUS, 2002.

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A Pesquisa qualitativa em psicologia – fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: EDUC, 1989.

OAKLANDER, V. **Descobrimos crianças**. São Paulo: SUMMUS, 1980.

OAKLANDER, V. **El tesoro escondido – La vida interior de niños y adolescentes**. São Paulo: SUMMUS, 2006.

PERLS, F.S. **Gestalt Terapia Explicada**. São Paulo: SUMMUS, 1977.

- PERLS, F.S. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia.** Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- POLSTER, E; POLSTER,M. **Gestalt terapia integrada.** São Paulo: SUMMUS, 2001.
- RIBEIRO, J.P. **Gestalt Terapia – Refazendo um caminho.** São Paulo: SUMMUS, 1985.
- ROBINE, J.M. **O self desdobrado – Perspectiva de campo em Gestalt Terapia.** São Paulo: SUMMUS, 2006.
- RODRIGUES, H.E. **Introdução à Gestalt Terapia – conversando sobre os fundamentos da abordagem gestáltica.** Petrópolis: VOZES, 2000.
- YONTEF, G. **Gestalt terapia. Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt terapia.** São Paulo: SUMMUS, 1998.
- ZINKER, J. **Processo criativo em Gestalt terapia.** São Paulo: SUMMUS, 2007.
- ZORZI, C.M.P. **Nós as crianças – Uma abordagem gestáltica em Psicologia Infantil.** São Paulo: MANOLE, 1991.